

— ACONTECEU EM —  
**PARIS**



**K.S.R. BURNS**

«Um livro viciante. Uma ode maravilhosa a Paris,  
à amizade, à espontaneidade e aos prazeres da mesa.»

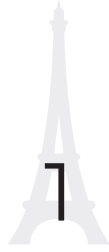
**Kirkus Reviews**

**TOP  
SEL  
LER**

«Uma belíssima ode a Paris, à amizade, à espontaneidade  
e aos entusiastas da boa cozinha e de viagens.»

KIRKUS REVIEWS

Tudo o que escrevo é para o Steve



Sete da tarde de uma quarta-feira. Duas semanas depois do funeral. A Kat morreu, mas eu não.

O que tenho é fome.

E estou estupidamente furiosa com o William.

Já tinha dito que estou com fome?

Bom, o William não é o único culpado disso, mas quando o vejo entrar na cozinha, enquanto guardo os restos de pernil de porco assado e chucrute — as quartas-feiras são noites de cozinha alemã — decido ignorá-lo.

— Amy — diz ele. Também deve estar furioso comigo, porque costuma tratar-me por «Ames». — Quase me esquecia. Para a semana é o teste do protótipo na Teterboro.

Eu deito salada de pepino e couve-roxa estufada em recipientes de plástico. Sempre é um tipo de comida menos calórica que posso comer. Mas não é coisa que nos satisfaça, sabem?

— OK — digo-lhe eu, continuando a evitar olhar para ele.

É que na viagem de regresso a casa depois do funeral ele disse:

— Bom, assunto arrumado.

Eu passei-me por completo e gritei:

— Estás *satisfeito*, meu *estupor*? — Desde então, mal voltei a falar com ele, nem mesmo para lhe dizer que o meu período está dois dias atrasado.

— Vou-me embora no domingo — diz ele, então. — Volto na sexta-feira. São cinco dias.

Cinco dias. A voz da Kat ecoa-me no cérebro:

«O Plano! O Plano!» A voz é tão sonora, clara e vigorosa, como se ela estivesse ali mesmo connosco, na cozinha, como se ela ainda estivesse neste mundo. Mas já não está e o Plano é a última coisa em que me apetece pensar.

Seja como for, cinco dias não é tempo suficiente para o Plano.

O William volta para a sala de estar, para junto da televisão, onde a equipa dos Diamondbacks vai de mal a pior. Eu rilho os dentes e guardo o resto do seu *strudel* de maçã no frigorífico, sem arrancar sequer um floco dourado e crocante da massa dourada e estaladiça. As sete da tarde são a parte mais difícil do meu dia. A refeição da noite é cozinhada e consumida, a loiça lavada, e como o estúpido do meu corpo sabe que nada mais voltará a descer-lhe pelas goelas durante horas até ao dia seguinte ao pequeno-almoço, começa a queixar-se. Quer comida. Comida gordurosa, salgada, doce, cremosa, crocante, substancial, picante — qualquer tipo de comida que o sacie e lhe traga paz.

Cala-te, corpo estúpido.

É que agora não posso desistir. Desta vez basta perder nove quilos, para voltar a estar como tenho de estar, como quero estar. Enrolo o cabelo num carrapito do tamanho de uma toranja e prendo-o no alto da cabeça, com um lápis. Até agora já perdi quatro desses nove quilos, apesar das noites de cozinha alemã, italiana, mexicana... e tailandesa.

Era o William que costumava cozinhar-me essas refeições terrivelmente abundantes. Depois começámos a fazê-lo juntos. Contudo, desde que fui despedida que o faço sozinha. A princípio gostei. Soube-me bem fazê-lo durante bastante tempo.

— Não pode ser! Ele estava a mais de um quilómetro — grita o William para a televisão. Está a tentar ser normal.

Junto-me a ele na sala de estar.

— Essa tua viagem à Nova Jérσία tem que ver com aquele projeto do T-30 outra vez? — pergunto porque também eu quero ser

normal. Na verdade, a única coisa que desejo é ser normal. Vem-me à garganta um refluxo de couve-roxa ou de pimento, não sei.

Ele acena com a cabeça e faz girar uma peça azul de um puzzle entre o dedo do meio e o anelar. Quando a Kat descobriu o vício de William por puzzles desatou a rir:

— A sério? Que idade tem esse tipo?

Eu respondi:

— Por acaso, tem apenas mais seis anos do que nós, mas foi criado pelo avô, por isso faz puzzles, usa relógio de pulso, e controla o livro de cheques, além de ser um *chef* de cozinha *gourmet*. É um homem com inúmeros talentos.

A Kat riu tanto que caiu da cama abaixo.

De súbito surge um hambúrguer no ecrã do televisor. Um hambúrguer enorme, em alta definição, com noventa centímetros de diâmetro e trinta centímetros de altura, recheado com alface, queijo, *pickles* e bacon, a escorrer ketchup e mostarda. Eu levanto-me bruscamente e fujo para a cozinha. Está imaculada, mas eu volto a passar o pano da loiça por água, varro o soalho de madeira de lei, e limpo as dedadas no frigorífico de aço inoxidável. Regra número um da dieta permanente: mexermo-nos o mais possível. O movimento queima calorias e ocupa-nos as mãos, impedindo-nos de enfiar comida gordurosa pelas goelas abaixo. As pessoas irrequietas são magras.

Depois de nos deitarmos, fazemos amor pela primeira vez desde a noite em que a Kat morreu. Na universidade, a Kat costumava dizer-me que sexo com um homem podia ser muito bom, fantástico até. Na altura não acreditei nela, mas afinal tinha razão. Hoje à noite é claro que não houve conversa, apenas sexo, mas ainda assim foi intenso. Quando tudo o resto falha, o sexo é a única coisa que resulta entre mim e o William. Além disso ele fica sempre muito fioso antes de partir em viagem de negócios. É como se estivesse a fazer um pagamento adiantado da hipoteca.

Trinta segundos depois ele adormece, e eu fico deitada ao lado dele, a observar os movimentos do seu peito. Vou esperar mais dois dias e depois faço o teste de gravidez descartável que escondi entre as toalhas, no armário da roupa de cama. Não incomodarei o William até

saber mais alguma coisa, pois ele iria ficar certamente todo empolgado e eu acho que não aguento isso. Não agora, não por enquanto. Além disso, o meu período atrasa-se muitas vezes. Às vezes nem sequer vem.

Meu Deus, que bem me saberiam neste momento umas batatas fritas ou uma colherada de manteiga de amendoim bem espessa; um *Snickers*; uma grande taça de gelado de bolacha com lascas de chocolate e pedaços de caramelo. Nem que fosse apenas uns pedaços daquele *strudel* de maçã que eu preparara e servira sem provar, como qualquer verdadeira cozinheira faria. O avô do William — que é *chef* de cozinha como ele — diz que um verdadeiro cozinheiro prova tudo. O que significa que sou uma fraude.

Viro-me de barriga para cima, ajeito a almofada, apoio nela a cabeça e examino o meu corpo espalmado tipo tortilha. É claro que parecemos sempre mais magros, deitados de barriga para cima, mas ainda assim sorrio. Passo as mãos pelas minhas costelas salientes como lombas numa estrada, e pouso-as depois sobre os picos salientes das minhas ancas. Regra número dois da dieta permanente: não há nada melhor do que sentirmo-nos magros.

As regras são incontornáveis. É que embora qualquer imbecil consiga perder peso, só uma criatura suficientemente talentosa, dedicada e fanática — há que admiti-lo — para se automotivar, coisa que eu sou, consegue não voltar a ganhar peso. Não é que isso seja motivo de orgulho, mas sempre é preferível pensar em comida ou na falta dela, do que na Kat ou na falta que ela me faz. Tarde demais, bolas. As lágrimas deslizam-me dos olhos, passam pelas orelhas e ensopam-me o cabelo. Levanto-me rapidamente para ir buscar uma caixa de lenços de papel à casa de banho. Não receio acordar o William porque ele tem um sono pesado. Nem os relâmpagos de uma valente trovoadada das monções do Arizona o acordam, muito menos o revelador cheiro a alumínio das lágrimas.

Às seis da manhã o despertador toca e eu saio apressadamente da cama.

— O que se passa? — resmunga o William, sentando-se e esfregando os olhos. Normalmente ele é o primeiro a levantar-se e sou

eu que gemo e me aninho debaixo das cobertas, mas esta noite não consegui pregar olho. A sério. Não dormi nem uma hora, nem cinco minutos sequer. E sentia-me cansada, muito cansada.

— Tenho de ir fazer chichi. — Corro para a casa de banho, esfrego a cara e emborco três copos de água (regra número três da dieta permanente: beber muita água). Depois, desço pesadamente as escadas e começo a tratar do café — *preciso de café, meu Deus*. Vinte minutos depois o William entra calmamente na cozinha, a cheirar a baunilha, de camisa branca, lavada, como se fosse um dia normal. Enquanto bebe o sumo de laranja, verifica os títulos dos jornais no telefone. Não me faz qualquer reparo acerca dos olhos encovados nem acerca da minha palidez. A Kat faria, fazia comentários acerca de tudo.

Mas a Kat já cá não está para o fazer, nem nunca mais voltará a estar.

Às 7h32, quando a porta da garagem está ainda a fechar-se atrás do *Jeep* do William, eu aqueço uma tigela de flocos de aveia no micro-ondas. Em abril costuma estar demasiado calor em Phoenix para se comer cereais quentes ao pequeno-almoço, mas eu sou doída pelas minhas papas de aveia. Preparo-as sem sal e sem açúcar, juntando-lhes apenas leite magro e cominhos.

— Cominhos. Mas que escolha interessante — comentara o William, certa manhã, pouco depois do nosso casamento relâmpago.

— Os cominhos são a minha especiaria preferida — expliquei eu. Quando contei isso à Kat, mais tarde, ela guinchou:

— Credo! Falaste-lhe da tua especiaria preferida?

— Sim, falei. E ele achou isso singular, encantador — respondi-lhe.

Sim. O William usa palavras como «encantador». É uma das suas inúmeras qualidades positivas e irritantes.

Enxaguo a tigela de cereais e pego nas chaves. Apetece-me fazer alguma coisa, ir a um sítio qualquer. Afastar-me desta realidade que se transformou de certa forma na minha vida.

Felizmente é quinta-feira. Dia de fazer compras. Depois do meu despedimento, dediquei-me de corpo e alma à casa. Coleciono receitas, pesquiso livros de sugestões para a lida da casa, sigo blogues de donas de casa urbanas e as estrelas da Food Network. Todas as fontes



aconselham a adotar um sistema. «Foi graças aos sistemas que o homem foi à Lua», como o William costuma dizer. Consequentemente — como eu costumo dizer —, permitem-nos também criar um lar perfeitamente aprazível e organizado, aqui mesmo, no velho planeta Terra — um lar normal.

A Kat passava a vida a azucrinar-me sobre o meu vício de cuidar da casa segundo as regras. Até o avô do William, que vem ao Arizona visitar-nos e passa connosco duas semanas todos os Natais, o considera um pouco incompreensível. Mas quem poderá queixar-se de soalhos encerados, roupeiros arrumados e refeições caseiras? Ninguém. Essa é que é essa.

Viajo para norte pela 101.

«O Plano!», grita-me a voz da Kat na cabeça.

*Para com isso. Cala-te.* Mesmo que cinco dias fosse tempo suficiente — que não é — o Plano está condenado ao fracasso sem a Kat. O facto é que eu não tenho tomates para o concretizar. A dada altura da minha vida tive, mas agora que cheguei aos 29 anos — uma idade que considero alarmante —, falta-me a coragem. O que lhe terá acontecido?

Mas adiante, é quinta-feira e tenho coisas para fazer, coisas que me distrairão dos meus problemas. E essa é a boa notícia.

«A boa notícia» era uma expressão típica da Kat. «A boa notícia é que o Will poderá ter passatempos de velho, como fazer puzzles, mas ama-te e tem um emprego decente. A boa notícia é que o cancro poderá ter-se espalhado, mas não me atacou o sistema linfático, nem o meu cérebro do tamanho de uma ervilha.»

Conduzo até Scottsdale, porque o facto de estar desempregada me permite fazer os meus próprios horários, o que também é uma boa notícia. Tenho tempo de sobra para um chá de *chai* com leite magro e um passeio pela Cidade Velha, infestada de galerias de arte. Regra número quatro da dieta permanente: se petiscar, petisque em movimento. Por favor.

Estaciono o *Honda* em frente ao Starbucks e dirijo-me para a Fifth Avenue, detendo-me em frente de uma ourivesaria para examinar o meu perfil no reflexo do vidro espelhado e poirento da montra.

Esta manhã apertei os botões das calças de ganga com dificuldade, mas apertei-os. Regra número cinco da dieta permanente: se vestirmos algo um pouco apertado de manhã, quando estamos mais magras, será menos provável comermos demasiado durante o dia.

Ultimamente, as regras parecem fervilhar-me no cérebro como formigas vermelhas.

A Fifth Avenue de Scottsdale tem lojas de *souvenirs* pirosas, porta sim, porta não, e os objetos que vendem envergonham-me. Será que quem visita o Arizona pensa que todos nós decoramos as casas com estatuetas de bronze de cavalos selvagens a escoicear, e quadros estilizados, em pastel, de Navajos envoltos nas suas mantas? Porém, dois quarteirões mais adiante, paro diante de um tipo de montra diferente. Ali não há cavalos selvagens, nem colares índios de prata, nem chapéus de cowboy brancos, nem frascos verdes de geleia de figo-da-Índia. Apenas um cavalete de madeira com um único objeto exposto: uma aguarela de Sacré-Coeur, quadrada, com cerca de um metro.

Eu sabia que era o Sacré-Coeur porque lera inúmeros livros sobre Paris. Vem-me à memória uma passagem de um guia de viagem: «A basílica do Sacré-Coeur ergue-se no alto de uma colina, em Montmartre, e foi construída como penitência pelos crimes da Comuna de Paris de 1871.»

O que nunca me fez sentido. A parte da penitência, não a dos crimes. Se olharmos bem para ela, concluímos que quem construiu o edifício nunca teve qualquer penitência em mente. A construção é exuberante e descontraída. Como um vestido de noiva, um *cupcake* com creme, uma beleza sulista na classe das igrejas — uma igreja festiva, onde nada evoca penitência.

De igual modo, a pintura na montra, além de incontrita, é atrevida. Tudo nela parece vibrar, cintilar, pulsar de alegria. Dir-se-ia desejosa de saltar cá para fora e dançar o *cancã*. A rosácea está torta, os arcos românicos são desiguais e as suas cúpulas brancas, brilhantes, redondas e lisas, parecem dançar. Longas pinceladas ondulantes em tons de azul e rosa palpitam no céu, por cima das cúpulas, como serpentinas lançadas num céu em festa. O pintor captara claramente a natureza festiva da igreja do Sacré-Coeur.

Na universidade, a Kat costumava dizer-me:

— Tens um ótimo olho para o design, devias ser artista.

Cinco anos depois, continuava a insistir nisso. Durante a quimioterapia, em vez de se preocupar com a perda de cabelo ou a retenção de líquidos, azucrinava-me a cabeça.

— Devias inscrever-te num curso de pintura a aguarela — dizia ela e eu argumentava sempre:

— Trabalhar fibras não é arte?

É que embora os livros e as letras sejam a minha maior paixão, também costuro, tricoto, faço croché e até macramé. Gosto de fazer coisas, criá-las passo a passo, até criar um objeto físico, por vezes belo, que possa segurar nas mãos. Algo sólido e real que não morra e nos abandone.

Uma vez a Kat voltou a bater na mesma tecla:

— Tu não tens a noção do teu potencial, Amy. Poderias fazer muito mais do que esses labores domésticos — disse ela.

Dissera-me isso há 18 meses, durante o segundo ciclo de quimioterapia. Eu remexi-me na cadeira de plástico de visitante e admirei os torcidos regulares da casaquinha azul, que lhe tricotara durante o primeiro ciclo de quimioterapia. Não me apetecia discutir, por isso disse:

— Não te esqueças de que eu sou uma dona de casa, uma retrógrada, um dinossauro, uma das últimas da minha espécie. *Woo-hoo!*

— Sua doida — disse a Kat, lançando uma almofada na minha direção. — Assim que a economia melhorar, arranjas outro emprego e esqueces essa treta toda de fada do lar.

Estava com os olhos cintilantes, o que me agradou tanto ver que resolvi dar-lhe corda:

— Não sei. Talvez ser despedida fosse a melhor coisa que me aconteceu na vida. Por falar nisso, achas que eu devia aprender a fazer compota de tomate?

— Talvez. Mas sabes uma coisa? — disse ela, retraindo-se ao mover o braço onde tinha a agulha. — Estamos no século XXI, caramba! As mulheres têm carreiras.

Mas eu desprezava o meu antigo emprego. Recursos humanos. Um vômito.

— Olá! *Iu-huu!* — A mulher da galeria da Fifth Avenue está a segurar na porta e a acenar.

— Entre! Está fresco aqui dentro!

Mas eu não queria entrar nem ser a única presa da simpatia hipócrita de uma balconista a morrer de tédio, desesperada por vender algo, a um dia de semana. Mas estão quase 40 °C cá fora, a condensação do meu copo de chá gelado de *chai* com leite magro está a escorrer-me para o pulso e o cós das minhas calças de ganga demasiado apertadas está ensopado em suor.

— Está só a ver? — pergunta a vendedora, sorrindo alegremente. Tem batom nos dentes.

Eu aceno com a cabeça e olho para dentro da galeria. Pois é. Sou a única cliente. Estamos em abril. A época dos turistas de inverno terminou e o verão avança impiedosamente sobre os habitantes incautos de *Valley of the Sun*, Phoenix. Pouso o meu *chai* no chão de cimento e remexo numa pilha de postais de aniversário do artista De Grazia, sentindo-me grata por estar a ouvir Billie Holiday a cantar *Mean to Me* na aparelhagem, o que abafa quase por completo, mas não inteiramente, a respiração ofegante da empregada. De quem não será fácil escapar-me, por sinal. Ela contorna um expositor de espanta-espíritos e fica parada junto deste, até eu me ver obrigada a levantar os olhos.

— Está interessada em alguma coisa em particular?

— O Sacré-Coeur — respondo-lhe eu. — A pintura que está na montra.

Assim mesmo. Sai-me pela boca fora, sem mais nem menos.

— Ah, sim! — exclama a empregada. — É da Sara May Hooter. Conhece o trabalho dela?

— Hooter? Não, não conheço — respondo eu, mantendo uma expressão séria.

A empregada dirige-se rapidamente à montra, puxa a saia travada para cima, sobe a um pequeno escadote, tira o quadro do cavalete e apoia-o sobre a mesa dos espanta-espíritos.

— A Sarah May Hooter é uma das nossas artistas mais recentes — diz ela, soprando um pouco. É asma. Reconheceria essa chiadeira

em qualquer lugar. — Não gosta da paleta de cores dela? — pergunta ela. — É tão alegre.

E era de facto.

Continuava a sê-lo quando o paguei, quinze minutos depois. O quadro não era um original — era uma impressão a jato de tinta que custava 75 dólares ou, com a moldura, apenas 200 dólares. Que eu até tinha comigo porque desde o meu despedimento, há três anos, que peço que me deem o troco em notas de dez dólares, no supermercado, e em notas de cinco dólares na limpeza a seco, todas as semanas. Ser despromovida de mulher trabalhadora independente para esposa desempregada pode assustar qualquer pessoa. Se isso lhe acontecer, recomendo que comece a juntar dinheiro. Algum dinheiro vivo no bolso — notas novas de cinco e de dez dólares — fá-la-ão sentir menos à deriva, menos indefesa. Por isso trago sempre umas centenas de dólares comigo.

Como a Kat diria: «Nunca se sabe.»

A radiante vendedora ajuda-me a colocar o quadro no banco traseiro do Honda. Eu levo-o imediatamente para casa, pego no martelo, nos pregos e no nível e penduro-o cá em baixo, na casa de banho das visitas, que o William nunca usa. Não que ele se opusesse à compra do quadro ou fosse sequer reparar nele. Não daria por ele, nem que eu o pendurasse por cima da nossa cama, raios.

É que o William é um *nerd* dos números e não dos quadros. Eu sou uma *nerd* das letras, mas também aprecio belos objetos tangíveis — peças de arte, arquitetura e mobiliário. E roupa... adoro roupa, talvez até mais do que devia.

O jantar de hoje é sopa *stracciatella*, salada de alcachofra, *tortellini* de salsicha e *cannolis* com *ricotta* caseira. Custa a acreditar que eu consiga agora produzir uma refeição deste calibre sem a mínima dificuldade. Quando a Kat era viva, tudo me parecia suportável. Divertido até.

— Em que ano é que o Will pensa que está, 1957? — perguntaria ela. — O Ward e a June Cleaver<sup>1</sup> parecem a família do Ozzy Osbourne, ao pé de vocês.

---

<sup>1</sup> Personagens da série norte-americana *Leave it to Beaver*, representações estereotipadas da família suburbana dos anos 1950. [N. da E.]

Nunca questionou o que me levava a alinhar nisso. Deve ter percebido que eu queria apenas ter uma vida normal, uma vida sólida, que me permitisse recompor-me e evitar que o meu cérebro e a minha alma se desintegrassem numa enorme explosão gelatinosa.

— Tornaste-te uma *chef* de cozinha de primeira água — diz o William. «Primeira água» é o maior elogio que William me pode fazer. Normalmente reserva-o para outras coisas, tais como a melhor e mais recente aplicação.

— Obrigada — digo eu, contemplando o meu prato, que é basicamente a única coisa que posso fazer. Não posso comer daquelas coisas enquanto não alcançar o meu objetivo.

— Tenho novidades — diz ele, desdobrando um dos guardanapos azuis de algodão pima. Eu lavo a roupa e passo a ferro todas as segundas-feiras. Adoro passar a ferro, sobretudo guardanapos. Eu sei. Quem é que passa guardanapos a ferro? Mas são lisos, quadrados, simples e gratificantes. O William olha para mim do outro lado da mesa e chega mesmo a sorrir. — Os meus planos de viagem mudaram.

— Ah, sim?

O plano é que ele parta para a Nova Jérсия no sábado, daí a menos de três dias. Não me tinha esquecido disso.

— Os testes do protótipo só vão durar até quarta-feira e não até sexta — diz ele.

— Ah, bom. — Engulo um pedaço do coração da alcachofra, do qual raspei praticamente todo o vinagrete. — Então, vais estar fora apenas dois dias. Ótimo.

— Não. Vou ausentar-me dez dias. Vou ter de lá passar o fim de semana.

Pego numa fatia de pão italiano da Defalco's, barro-o com manteiga e enfio-o na boca, antes de me aperceber do que estou a fazer. Inacreditável. Dez dias era exatamente o tempo de que eu precisava para concretizar o Plano. A Kat teria morrido a rir, se não estivesse já morta.

— Como pensas ocupar o teu tempo? — pergunta o William, servindo-se uma segunda vez de *tortellini*. Depois de casarmos ele

ensinou-me a fazer a massa de raiz, a estendê-la com o rolo em folhas finas e macias, translúcidas, a cortá-la em circunferências e dobrá-las em pequenos e engraçados chapéus, mas hoje fiz tudo isso sozinha e tinha tudo pronto quando o William chegou, às seis da tarde. Regra número seis da dieta permanente: comer regularmente. São as refeições regulares que nos distinguem dos animais.

— Eu fico bem — respondo eu. — Não há problema.

Depois do jantar, o William saiu para o pátio, para fumar o seu cigarro, um hábito que apanhou no exército e que nunca mais conseguiu largar.

— O homem fuma? A sério? — disse a Kat quando descobriu, pouco depois do casamento. Eu assumi imediatamente a sua defesa, dizendo:

— Apenas um por dia, depois do jantar. É o seu único vício.

Pergunto-me se isso será verdade. Na cozinha, eu puxo o lustro à bancada de granito, com um pano de microfibra. Lá fora, o William fuma e patrulha o pátio de gravilha. De vez em quando baixa-se, para retirar uma pedra branca do meio das pretas, ou uma preta do meio das brancas. Como se misturam elas? O William seria capaz de explicar com números. Diz que tudo no universo pode ser entendido através da matemática.

Quem me dera que isso fosse verdade.

Olho para ele uma última vez. Tem o cabelo cortado à escovinha e está de cabeça inclinada para trás, a ver um avião gravar uma linha branca e fina no mesmo tom de azul que o nosso limpa-vidros. Deve estar a registar a altitude e o modelo do avião, mas na posição em que está, mais parece um ator à espera da sua deixa. Poderia acabar com aquele impasse, ir lá fora e beijá-lo, poderia abraçar-me àquele estômago irritantemente seco e afundar o meu rosto no seu ombro quente, mas em vez disso, esgueiro-me para a casa de banho das visitas, tranco a porta, coloco uma toalha sobre a cabeça, como o capuz de um monge, e sento-me sobre a tampa da sanita, abraçada aos joelhos. Costumava fechar-me assim, dentro de mim mesma, quando era miúda, sempre que a minha mãe entrava em pé de guerra, o que acontecia mais ou menos frequentemente e era

insuportável. Espreito pela abertura do meu sudário e a única coisa que vejo, no meu pequeno mundo exíguo e circunscrito, é o extravagante Sacré-Coeur.

Quando eu tinha 6 anos, o meu pai ofereceu-me um velho gira-discos que comprara numa venda de garagem. Eu adorava aquilo — o prato de borracha rígida, os volumosos botões de plástico, o cheiro elétrico e poeirento. Vinha com meia dúzia de álbuns de *swing*, um dos quais era intitulado *Ella Fitzgerald Sings the Cole Porter Song Book*. A minha mãe não ouvia música nenhuma e o meu pai só gostava de *rock n'roll* dos anos 1950, por isso os discos não tinham qualquer valor para eles.

Mas aos sábados, quando eles estavam a trabalhar no pátio, eu atirava com a Ella para o prato do gira-discos, colocava cuidadosamente a agulha na ranhura, para que esta não chiasse e ouvia o disco vezes sem conta. Às vezes atava a minha velha manta azul-bebé à cintura e dançava pelo meu quarto.

A minha música preferida desse álbum era *I Love Paris*. Ella adorava Paris na primavera e no outono, no verão, ao sol, e no inverno, à chuva.

Com essa idade eu não sabia se Paris era um sítio, uma pessoa ou uma coisa, embora tivesse quase a certeza de que era um sítio. A única coisa de que estava realmente certa, mesmo nessa idade, é que toda aquela música era sobre o anseio.

Sobre desejo.

Paris parte do princípio que o facto de lá não estarmos é razão suficiente para sentirmos descontentamento, independentemente do que formos, de quem formos e de onde estivermos. Porque se não estivermos em Paris não estamos em sítio algum que valha a pena — *mais oui!* — em Paris, a vida é maior, melhor e mais bonita.

Acima de tudo: em Paris podemos ser quem realmente somos.

Ao contrário de Phoenix, no Arizona, um local feio, transitório, extemporâneo, que parece ter sido montando às pressas ontem. Uma terra de falhados, um local onde nunca me senti em casa. Essa evidência era como um segredo, talvez até uma verdade obscena, que eu não deveria conhecer, informação privilegiada, vedada a



peças obscuras como eu e os meus pais. Pessoas a viverem num bangalô de dois quartos, no centro de Phoenix, a muitos milhares de quilómetros de Paris — a cidade soalheira e chuvosa.

Acabei por perceber até que ponto isso era triste. Ainda assim, a Ella Fitzgerald foi o motivo por que desafiei a sabedoria tradicional e decidi estudar Francês em vez de Espanhol, no liceu e na universidade.

Mas há muito que terminei o liceu e a universidade e a remota basílica do Sacré-Coeur estremece na parede da minha casa de banho das visitas e sussurra:

— O Plano. — E depois. — Ainda não é tarde demais.

Mas eu tenho uma novidade: é tarde demais. Pelo menos, para mim. A televisão está em altos berros, na sala de estar. Mesmo com a porta fechada e uma toalha grossa pendurada sobre o meu rosto rechonchudo, reconheço o anúncio de comida mexicana. Estou a ver a família feliz e normal — mãe, pai, um rapaz e uma rapariga — à volta da mesa da cozinha posta para o jantar. Consigo até cheirar os tacos a transbordar de carne, queijo, alface, tomate, abacate e molho, como que a provocarem-nos:

— Sou estaladiço, crocante! Come-me!

Ainda bem que só tenho de fazer o teste de gravidez amanhã.

Levanto-me e puxo o autoclismo, não fosse o William interrogar-se sobre o motivo por que me demorei tanto tempo na casa de banho — ainda que isso seja pouco provável — e saio para o ajudar a trabalhar no céu azul e uniforme do puzzle.



**E**u e a Kat arquitetámos O Plano há três anos. Ou melhor, a Kat arquitetou-o. Acabara de iniciar o seu primeiro ciclo de quimioterapia e estava a elaborar uma lista de todas as coisas que faria quando lhe dissessem que vencera o cancro.

— Vou querer ir ao Taiti, de certeza — disse ela. — Ou talvez às Galápagos ou a ambos os sítios. Quero também fazer *rappel* e *bungee jumping*! Sei lá, talvez até queda livre. — A Kat sempre fora uma atleta. Antes de lhe ser diagnosticado o cancro, deixava frequentemente o seu negócio de web designer em suspenso, para treinar para uma maratona no Colorado ou apanhar um avião para o Havai, para fazer surf. — E tu? O que tens na tua lista de desejos? — perguntou ela. — Espera. Não me digas. É Paris, não é?

— É preciso perguntar?

A Kat também nunca visitara a Europa, pois nunca tivera dinheiro para tal coisa. A dada altura, depois de o meu pai morrer, tinha eu 18 anos, até tive dinheiro para isso, pois recebi um generoso cheque de um seguro de vida, mas ele fez-me jurar que me inscreveria na Universidade do Estado do Arizona, logo que possível, depois do funeral. É claro que o meu único desejo era ir para muito longe, viajar para um local onde pudesse ser outra pessoa, ou ser mais eu mesma. Mas uma promessa é uma promessa.

A Kat continuava a falar:

— Tive uma ideia fantástica. Vamos juntas. Tu e eu.

Eu ri-me.

— Isso seria fantástico.

— Não, agora a sério — disse ela. — Seria a minha recompensa por melhorar. Seria uma comemoração.

— Sem dúvida que iremos comemorar isso — disse eu. — Mas em Paris? A sério? O Will também nunca lá estive e eu acho que ele gostaria de lá ir... comigo. O que quero dizer com isto é que ele ficaria incomodado se eu viajasse sem ele. — Nessa altura, estávamos casados há menos de um ano. Éramos ainda, oficialmente, recém-casados. Paris, a cidade mais romântica do mundo, a cidade dos amantes, era um local onde deveríamos ir juntos. Pelo menos, foi como eu sempre o imaginei. Nunca faláramos no assunto, mas eu achava que acabaríamos por lá ir.

Kat estava a sacudir a cabeça.

— Sabes que há uma forma de contornar isso.

— Contornar o quê?

— O facto de isso o incomodar. Escuta. — Sentou-se e elevou a cadeira reclinável. A Kat sempre tivera boa aparência antes dos tratamentos de quimioterapia, e hoje, no primeiro dia do primeiro ciclo de tratamento, estava com a pele macia, o cabelo cor de mel forte e brilhante, e um sorriso espontâneo nos lábios. — Eu acabarei por melhorar e o nosso Will acabará por ter de fazer uma daquelas grandes viagens com velhos gordos. Ele informar-te-á da sua agenda, que tu sabes que ele vai seguir à risca e, entretanto, tu e eu faremos uma pequena viagem sozinhas até à alegre cidade de Paris. Teremos apenas de nos assegurar que regressamos a Phoenix antes dele. Ele não precisa de saber! — Girou o braço livre, como um ilusionista, a tirar um coelho de um chapéu. — *Voilà!* Vamos a Paris e voltamos, e ele nunca o saberá!

— Kat — disse eu. — Isso é uma loucura.

— Agora a sério. Pensa no assunto. Acho que resultaria. É um Plano e peras.

Eu levantei-me e olhei através da janela. Lá fora, no parque de estacionamento, o calor cintilava em ondulações por cima dos carros

e formava poças brilhantes no asfalto. Estávamos em meados de outubro, mas ainda estavam quase 40 °C lá fora. Eu nascera e crescera ali mesmo, em Phoenix, e apesar de já dever estar habituada ao calor opressivo de outubro, o facto é que não me habituava. Naquele momento, em Paris, devia estar fresco e as pessoas deviam andar de impermeáveis. Eu nunca tivera um impermeável na vida.

— Achei que tu devias gostar de ir — insistiu a Kat. — Sempre terias algo para fazer com todas essas notas.

Eu estremei.

— Continuas a juntá-lo? — perguntou ela.

Eu virei-me para a encarar.

— Sim, eu sei. É preciso ser completamente chalado para se guardar notas de cinco e de dez, dentro de um *tupperware* escondido atrás das bolachas.

— Mas tu guardas! — disse a Kat. — Mas que importância tem isso? A questão é que tens dinheirinho, dinheirinho do bom. Quantas vezes teres de te dizer? O dinheiro não serve para nada escondido. O dinheiro quer-se a passear pelo mundo, a brincar com o resto do dinheiro, de contrário não passa de um molho de papel sujo.

Levantou o braço e traçou-me um visto na testa, com a ponta do dedo mindinho. Costumava fazer isso na universidade, quando estávamos juntas. Eu estremei e recuei, afastando-me dela.

— Mas é evidente, minha palerma — disse ela, fingindo não reparar. — Não vês? Isso é dinheiro para Paris, dinheiro para ires a Paris, minha menina. Por isso não lhe tocaste até agora. Continua a juntar essas notas de cinco e de dez, miúda. Assim, quando eu sair da Cancrolândia, já terás dinheiro suficiente.

A Kat não desistiu, e continuou a falar no Plano durante os três anos seguintes, ao passar por uma mastectomia; durante os primeiros ciclos de quimioterapia e radiações; ao descobrir um caroço no outro seio, e fazer uma segunda mastectomia; durante os ciclos seguintes de quimioterapia e radiações, que lhe provocaram queimaduras do terceiro grau; enquanto o cabelo lhe caía e voltava a crescer; enquanto perdia peso e voltava a recuperá-lo. Já não me lembro da altura em que desisti de lhe dizer:

— Esquece isso, criança idiota. Está fora de questão. Eu jamais conseguiria ser tão matreira. — Só sei que falámos tanto nisso, que a coisa ganhou vida própria e se converteu numa realidade, como aqueles livros em que os personagens parecem ser pessoas que conhecemos, por os termos lido tantas vezes.

Conversar sobre o assunto não era desagradável de todo. O Plano propiciava animação, diversão, libertação e consolo. Seguíamos blogs sobre Paris e os filmes rodados em Paris passavam automaticamente para a nossa lista da Netflix. Li uma quantidade de livros sobre História Francesa. Nem sequer discuti quando a Kat me sugeriu que tirássemos passaportes. Quem sabe se um dia eu não precisaria de uma porcaria de um passaporte? Depois de a Kat entrar em remissão pela segunda vez, achámos que poderíamos comemorar, comprando malas de rodinhas idênticas. Quando a Kat fez 28 anos, ofereci-lhe um minúsculo secador de viagem, que se dobrava para caber no seu lindo estojo vermelho de pele.

— Agora só preciso mesmo é de ter cabelo — disse a Kat.

Foi a Kat que arquitetou uma forma de lidar com os telefonemas do William. Quando estava fora, em viagem de negócios, ele costumava telefonar-me bastantes vezes ao longo do dia. Sempre que tinha alguns minutos livres, agarrava no telemóvel e entrava em contacto comigo, mesmo que apenas por alguns minutos.

— Isso não vai resultar. Não em Paris — disse a Kat. — Temos de controlar as horas a que ele telefona, para que estejas preparada. — Isto foi durante o terceiro ciclo de quimioterapia. A Kat estava acinzentada e esquelética, com o cabelo ralo e espetado. — Pede-lhe que te ligue a uma determinada hora. Diz-lhe que estarás comigo em consultórios médicos e que nem sempre poderás atender. O que é mais ou menos verdade. — Deteve-se para beber um gole de *Seven-Up*, a única coisa que conseguia aguentar no estômago na altura. — Depois teremos apenas de calcular a diferença horária corretamente, para que tu possas atender a chamada num sítio sossegado. Ele vai pensar que tu estás em casa à espera dele, como uma esposa exemplar, e tu estarás a falar com ele de Paris, sem que ele o possa sequer imaginar! Vai ser divertidíssimo!

Rimos tão alto que os outros pacientes de quimioterapia que estavam na sala nos dirigiram um olhar furioso. Mais tarde, pedi de facto, ao William que me telefonasse apenas ao fim da tarde, às seis horas. E porque não? Dizer que era mais conveniente não era mentira nenhuma.



**É** sexta-feira. Um dia depois de ter comprado o quadro do Sacré-Coeur, dois dias antes de o William partir para sua longa viagem e — o mais importante de tudo — dia de urinar para cima do pauzinho.

Levanto-me da cama e vou para a casa de banho descalça. Da última vez que fiz um teste de gravidez em casa, foi, evidentemente, a Kat que me instigou a fazê-lo. Foi um mês depois de eu e o William nos conhecermos.

— A tua pele está diferente — disse-me ela, numa sexta-feira à noite. — Parece cintilante. Aposto que estás grávida. — Eu insisti que não, mas fomos ao Walgreen's, comprámos um kit de gravidez, aos risinhos, como miúdas do liceu, e na manhã seguinte reunimo-nos na minúscula casa de banho do apartamento da Kat.

— Primeira urina do dia — disse a Kat. — A manhã é a melhor altura para fazer o teste.

E continua a ser. Retiro o kit do seu esconderijo, dentro do armário da roupa de cama, e tiro uma das duas varetas. Talvez fosse melhor esperar mais um dia. Dizem que quanto mais tempo se esperar mais fiável é o teste. Quem sabe se o meu período não aparece entretanto, tornando tudo isto inútil.

Não é normal não querer saber, concluo, mas eu não sou uma pessoa normal, muito menos no que diz respeito a uma potencial

desova. Ou talvez eu seja normal ou, pelo menos, não muito anormal, e a minha relutância em fazer o teste seja sinal de que não estou grávida. Se estivesse grávida, não estariam as hormonas mágicas da maternidade a deixar-me zozna e empolgada? Não estaria já a planear de que cor iria pintar o quarto do bebé? Não teria já sacado das agulhas de tricô, para produzir botinhas de bebé em série?

Mas como saber ou não saber é igualmente mau, rasgo a embalagem de plástico da vareta, sento-me na sanita, e avanço.

«Já sabes como se faz», diria a Kat. Depois de fazer o teste, passarinho um pouco entre a casa de banho e o quarto, sem olhar para a vareta pousada em cima do móvel, como uma pequena espátula de cozinha da era espacial. Deve-se esperar cinco minutos, mas eu esperei dez, segundo o cronómetro do meu telefone.

A minha paciência é recompensada com um resultado negativo. Deixo-me cair sobre a borda da banheira, com um arrepio esquisito na espinha. É claro que estou encantada por ver aquele sinal menos azul. Não é que nunca venha a querer ter uma criança, simplesmente não acho que seja altura nem o local indicado.

Levo a vareta para baixo e enterro-a em profundidade no caixote do lixo que está na garagem. O William nunca dará por ela ali. Para ser honesta, o meu lado cruel congratula-se com o facto de não lhe estar a dar o que ele quer. Porque haveria de querer, tão pouco tempo depois de eu perder quem mais desejava conservar neste mundo? Os meus olhos enchem-se de lágrimas, mas o meu estômago começa a roncar assim que entro na cozinha fresca, e prevalece sobre estas. Regra número sete da dieta permanente: à noite, devemos deitar-nos com um pouco de fome e acordar esfomeadas na manhã seguinte. Se assim não for, é sinal de que andamos a comer demais.

Mas de momento, estou seriamente esfomeada. Estou capaz de devorar uma dúzia de ovos, uma caixa de cereais e um pão inteiro. Chego mesmo a pegar numa banana e a descascá-la.

Contudo, sexta-feira é também dia de me pesar. Regra número oito da dieta permanente: pese-se apenas uma vez por semana e não todos os dias, dê por onde der. Pesarmo-nos diariamente é uma imbecilidade — meio caminho andado para a loucura e o desespero.



Por isso deito fora a banana, volto a subir as escadas, dispo a camisa de dormir, tiro as cuecas, subo para cima da balança da casa de banho, ponho-me em bicos de pés, encolho a barriga e expiro alto. A primeira vez que a Kat presenciou este exercício rotineiro, na universidade, rebentou a rir.

— Estás a tentar levitar? — perguntou ela. Eu atirei-lhe com uma escova do cabelo. Ela arrastou-me para fora da balança e eu caí nos braços dela. Acabámos por não conseguir ir à aula nessa manhã.

Como pode a casa continuar de pé, o sol continuar a brilhar e a Terra continuar a girar, como se nada se tivesse passado, como se a Kat não tivesse desaparecido, para todo o sempre?

Não sei. Depois de esvaziar por completo os pulmões, abri os olhos e olhei para o visor de LED. Raios, não perdera peso nenhum nos últimos sete dias. Nada, zero. Nem um grama.

Caminho pesadamente pelo quarto, nua. Bem sei que o facto de não ter perdido peso — partindo do princípio de que não se trata do inchaço pré-menstrual — tem simplesmente a ver com a regra número nove da dieta permanente: às vezes, enquanto estamos a fazer dieta, o corpo decide que tem fome e começa a acumular calorias, num esforço de autoconservação. Embora continuemos a controlar toda a comida que levamos à boca, deixamos de perder peso, podendo até ganhar uns quilos a mais. É apenas um período de estagnação. Não há que entrar em pânico por isso.

Ainda assim, sinto-me um fracasso, um enorme fracasso em pelo. Ao deter-me junto do espelho de corpo inteiro montado na porta do nosso roupeiro (regra número dez da dieta permanente: pendurar espelhos em todo o lado!) examino o meu corpo sob todos os ângulos. Não está assim tão mau. A situação não é assim tão terrível. Resta-me apenas esta bolsa de gordura na barriga.

As pessoas que têm mesmo excesso de peso, os verdadeiros obesos, não se identificariam com os meus problemas de peso. Nem pouco mais ou menos. Rogar-me-iam pelo coiro ou o que resta dele.

O meu estômago volta a roncar. Visto de novo a camisa de dormir e dirijo-me para a cozinha. Abro a porta da despensa e tiro as minhas

barras de trigo integral, os meus cereais de verão, com 180 calorias por dose, mas roço a mão numa linda caixa vermelha de *crackers Ritz*. O William gosta de petiscar *crackers Ritz* — estaladiças, amanteigadas, salgadas e cremosas — com queijo *cheddar* extrapicante, quando chega a casa do ginásio, aos sábados à tarde.

Sacudo a cabeça, deixo os cereais na despensa, vou buscar um limão ao frigorífico, corto-lhe uma fatia, meto-a num copo, encho-o de água filtrada e bebo-a de uma só vez. Terá de servir como pequeno-almoço. É que por muito cruel, implacável e impróprio de americanos que isto pareça, seja qual for o estágio de dieta em que nos encontremos, somos invariavelmente confrontados com a regra número 11 da dieta permanente: a abstinência é mais fácil de suportar do que a moderação.

Agora a sério. Deviam experimentar.

Os meus olhos voltam a encher-se de lágrimas. Raios. Sexta-feira é também o dia em que faço voluntariado na biblioteca. Na semana anterior, alguns dos voluntários repararam que eu tinha estado a chorar.

— Estás bem? — perguntaram-me eles. — Estás com os olhos vermelhos.

Qualquer pessoa normal responderia:

— Não. Por acaso não estou bem. A minha melhor amiga — a minha única amiga — acabou de morrer e eu estou triste, desempregada, esfomeada, e encalhada em Phoenix, no Arizona, a atravessar um enorme impasse no meu casamento.

Mas a minha mãe morreu quando eu tinha 8 anos e o meu pai quando eu tinha 18. Se há coisa que não suporto é a compaixão. A compaixão abre-nos a ferida que há tanto tempo nos esforçamos por sarar. Além disso, eu nunca falara da Kat a ninguém da biblioteca. Queria ter um local onde me refugiar, uma zona sem cancro onde pudesse fazer de conta que tudo estava a correr normalmente, e ser uma pessoa normal, por isso sorri e disse:

— Não, estou bem. São apenas alergias. — Engraçado. Ninguém ali me conhecia suficientemente bem para saber que eu não tinha alergias.

Quando voltei a subir as escadas para tomar um duche e vestir-me, detive-me na casa de banho das visitas, para mirar o Sacré-Coeur. Devia contar ao William acerca do dinheiro e do Plano. Devia pôr tudo em pratos limpos, revelar-lhe o esquema complicado e louco que arquitetáramos, mostrar-lhe as malas de viagem idênticas, ainda por desembalar, saltar para o seu colo como uma gatinha, abraçar-me ao seu pescoço perfumado, roçar-lhe os lábios pela orelha e segredar-lhe:

— Desculpa, Will. Neste momento estou a flipar, mas quero ir a Paris. Acho que seria bom para mim.

— Conta-lhe tudo — aconselharia uma pessoa normal. Talvez até a Kat.

A verdade é que temos noite de cozinha alemã, italiana, mexicana — exploramos um tipo gastronomia diferente a cada noite da semana — mas nunca dedicámos uma noite à cozinha francesa.

Além disso, o Plano e a Kat estão ligados. Uma coisa não poderia existir sem a outra.

## Se quisesse fugir de tudo... escolheria Paris?

Amy e Kat tinham um plano: uma viagem secreta a Paris. Ninguém saberia, nem mesmo o marido de Amy. Até que Kat perde a batalha contra o cancro e o sonho chega ao fim.

Nas suas últimas palavras, Kat incentiva a amiga a fazer a viagem. Mas Amy nunca quebrou as regras, tanto na vida como à mesa – e fugir para Paris implicaria mentir ao marido e render-se a comida terrivelmente pecaminosa.

Guiada pela coragem de Kat, Amy aventura-se. Com um guarda-roupa tipicamente parisiense e muitas dúvidas, ela vai à procura de respostas para a sua vida nos cenários maravilhosos e na gastronomia da Cidade Luz.

Ao aprender que na amizade e no amor nem tudo é o que parece, ela conhece uma Paris diferente, fora dos itinerários turísticos, mas que poderá ser aquilo de que tanto precisa.

«Descubra um lado de Paris  
que poucos turistas veem.»

*Paris Voice*

«Mas que história! Vai fazê-lo sorrir,  
vai fazê-lo chorar, e sentir tudo o que  
está entre linhas!»

*The Good Life France*

**TOPSELLER**

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8917-13-3



9 789898 917133

Literatura Traduzida